

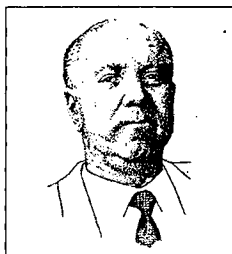
O dilema de Lula

02 JUL 1998

Os petistas estão embriagados com o canto da sereia, cada vez mais certos da vitória de Lula em 4 de outubro. Ignoram que podem ser arrastados para o fundo do mar, se não se amarrarem firmemente ao mastro do navio, como fez o Ulisses de Homero, o mais prudente dos heróis. Os novos Gracos do PT prepararam-se para tomar o poder, brandindo ingenuamente um arsenal de boas intenções, como se estas, por si sós, pudessem salvar o mundo, quando a História prova o contrário. As boas intenções só produzem resultado positivo quando alicerçadas na dura necessidade, nas leis implacáveis da natureza e da História, que desconhecem solenemente ideologias e opções políticas.

Mas a verdade é que Lula não é tão feio quanto se pinta, nem ele nem seus companheiros de partido, hoje bastante dividido, sem aquela unidade monolítica de outros tempos. Justamente a divisão interna do PT é sinal de maior receptividade e flexibilidade. Em vez de proclamar, como ontem, "quebro, mas não vergo", o PT de hoje está aprendendo a dançar conforme a música, claro que com todas as reservas a que se julga com direito, sem renunciar, ainda, à pretensão de vestal da política.

Pessoalmente, Lula não foi devidamente analisado e avaliado. Amado ou odiado enquanto figura pública, visto de fora, pouco se sabe do homem Lula em seu ser de carne e osso. Quem é Lula? Será ele um desses bravos revolucionários, do tipo Che Guevara, ca-



A medida que se afasta de FHC, ele cairá no ninho de serpentes de Brizola

raz é compensado pelo desembaraço mental e pelo instinto de comunicação, e sua ousadia jamais beira a temeridade. Apreciador das boas coisas da vida, da boa comida, das roupas finas, seu perfil está mais próximo do burguês do que seria de desejar para um líder popular. Ternura muita, dureza pouca, bem diferente do que exigia o Che.

O mesmo não se pode dizer do vice de Lula, Leonel de Moura Brizola, o engenheiro da catástrofe. Se existe no Brasil um político temível, é esse. Com seu olhar incendiário, a tosca oratória populista, aquele nacionalismo pré-jurássico e a voz melodramática, esse personagem está disposto a virar a mesa quando sabe que vai perder o jogo. Dos líderes populistas em nosso país, Brizola sempre foi o mais extremado, tanto no discurso quanto na ação. Governador do Rio Grande do Sul em 1961, quando da renúncia de Jânio, defendeu com unhas e dentes a posse de Jango, encabeçando a Rede da Legalidade, formada por 104 emissoras gaúchas, catarinenses e paranaenses, e distribuindo armas à população civil para a lu-

ta armada. No governo do Rio de Janeiro, sua política de segurança resultou no controle do morro pelo crime organizado, um Estado dentro do Estado. Inimigo jurado do capital estrangeiro, estatizante e antiprivativista, intervencionista contumaz, não respeitava nem a propriedade privada nem a liberdade. Com esse homem nenhum diálogo é possível, e Lula vai arrepender-se de procurar seu apoio.

Voltando ao PT, dizem que Lula, hoje, é centro-esquerda. Pode ser, deve ser. Nesse caso, estará lado a lado com Fernando Henrique, suprema ironia. O certo é que Brizola, com seu extremismo, representa a caricatura da esquerda, assim como ACM é centro-direita e Maluf representa a caricatura da direita.

O Partido dos Trabalhadores quer ser governo, pensa que já ganhou a parada presidencial. Protagonista da oposição, terá de enfrentar problemas de vulto, que ensejam três ou quatro perguntas espinhosas.

■ Em primeiro lugar, se eleito, o candidato do PT teria força para segurar a CUT e o MST, de modo a conter os seus desmandos, sua paixão pela invasão de terras e de próprios do governo? Ou, ao contrário, perderia o controle das facções mais radicais da esquerda, que veriam na eleição de Lula o aval para fazer e desfazer o que lhes aprouvesse, numa orgia de arbitrariedade?

■ Em segundo lugar, se eleito, conseguiria o líder do PT domar o corporativismo pertinaz dos sindicatos e do funcionalismo público, de modo a compatibilizá-los com a reforma administrativa e previdenciária, ou estas seriam desprezadas, não se sabe com que consequências?

■ Em terceiro lugar, se eleito, o novo presidente enfrentaria de imediato a besta negra da nossa

economia, o déficit público, ou o aumentaria ainda mais, para satisfazer os clamores populistas pelo aumento indiscriminado do salário mínimo e dos vencimentos do funcionalismo público em geral, também não se sabe com que resultados?

■ Em quarto lugar, se eleito Lula, o PT e seus aliados – PDT, PC do B e PSB – contariam somente com 95 votos na Câmara, entre 513 deputados. Mesmo triplicando sua votação, o PT não terá maioria. Pergunta-se: de que forma, então, o chefe do Executivo poderia governar sem maior apoio no Congresso?

Tudo isso sem se falar na questão mais óbvia, a fuga do capital externo.

Postas essas questões, resta saber de que modo Lula as resolveria. De duas, uma:

■ Ou encaminharia a solução na linha da centro-esquerda, cada vez mais nivelada com a posição de Fernando Henrique, hipótese em que sua oposição ao atual presidente perderia o caráter ideológico para se afirmar, apenas, no terreno eleitoral, indagando-se, em consequência: para que preferir a cópia, se existe o original?

■ Ou equacionaria a resolução daqueles problemas segundo o modelo da esquerda, e não mais da centro-esquerda, hipótese em que seria sugado pelo boquirrotismo incurável de Brizola, falando sua mesma linguagem e anulando-se nele.

A medida que se afasta de Brizola, Lula se aproxima de FHC, e à medida que se afasta de FHC, Lula cairá no ninho de serpentes de Brizola. Esse é o dilema de Lula. Em termos de realismo político, não existe terceira alternativa.

■ Gilberto de Mello Kujawski é escritor e jornalista